

com um género de criaturas vivas que não são nem tão simples como elas próprias julgam nem tão primárias como até à data as fizera a nossa literatura de signo regional. Em verdade, especialmente nos contos, José Cardoso Pires consegue descer tão fundo na compreensão das almas simples e tão agudamente conhecer os aspectos da realidade em que essas almas mais excepcionalmente revelam as suas particularidades de criaturas vivas, que raramente heróis e heroínas de seus livros, sejam pequenas histórias contadas sejam longas histórias romançadas, se nos entremostram banais ou comuns.

Estamos, realmente, diante de um ficcionista que resgata o chamado neo-realismo de muita insuportável manifestação de romantismo e convencionalismo de mau gosto. José Cardoso Pires, além da sua penetrante e original visão da realidade, dispõe de uma pena que o trabalho purificador reduz, pode dizer-se, ao cerne. Poucas vezes, ou talvez nunca, a prosa portuguesa disse tanto em tão poucas palavras. Quer nos «Jogos de Azar» que em «O Hóspede de Job», a nossa literatura encontrou dois dos exemplos mais notáveis do que pode ser e é já uma ficção que prefere o conhecimento directo e justo da realidade à improvisação aventureira e fantástica. Um realista de uma espécie nova, eis o que se nos afigura este novo e já grande escritor português.

SITUA-SE no pólo oposto à literatura da autora de «A Sibila», a ficção literária de José Cardoso Pires. Com os seus dois últimos livros, «Jogos de Azar», compilação de contos anteriormente editados em volumes autónomos, e «O Hóspede de Job», o segundo romance do autor (Editorial Arcádia), este escritor de menos de quarenta anos tem jus a que o consideremos uma das maiores realidades da moderna literatura portuguesa. Ao contrário da escritora de que falamos, José Cardoso Pires considera o génio uma conquista do espírito, um trabalho, aturado e apurado, com vista à obtenção de uma imagem da realidade quanto possível fiel à própria realidade e àquilo que o autor pensa do real. Está claro que os protagonistas dos seus contos e romances não se rastreiam entre uma humanidade excepcional: são pela sua maior parte, gente humilde, do campo e da cidade, especialmente do campo. A maneira, porém, como o ficcionista trata esta humanidade, o ângulo através do qual ele a encara, a força, a delicadeza e a concisão com que lhes esboça os retratos permitem-nos entrar em contacto